

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## "ASSIM FICAMOS"! METÁFORA E LUGAR.

SERRA, João B.

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### Como citar este documento:

SERRA, João B., "Assim ficamos"! Metáfora e lugar. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 65-69.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## “ASSIM FICAMOS!” METÁFORA E LUGAR

---

João B. Serra<sup>1</sup>

### **Breve evocação da Capital Europeia da Cultura**

Esta breve evocação da Guimarães 2012, a primeira que me é solicitada cinco anos volvidos sobre o decurso do projecto, recupera no essencial o que retive e partilhei, na altura, com a cidade, sobre o legado que nos propúnhamos configurar.

2012 está, para mim, perto e longe. Longe no lapso de tempo decorrido, entretanto preenchido com outras funções e desafios, articulados com o meu percurso profissional. Perto, no entanto, pois na memória permanecem muito próximas as experiências intelectual e emocionalmente únicas então vividas.

E se trago a este texto a epígrafe com que denominámos o espectáculo de encerramento da Capital Europeia da Cultura é porque nessa metáfora identificámos o que entendemos ser o traço essencial da aventura pessoal e colectiva em que um punhado de criadores, programadores, curadores e gestores se envolveu e, com eles, numa interacção empolgada, toda uma cidade. Empolgada mas nem por isso menos responsável, evolutiva, em processo.

“Então ficamos” - foi talvez, antes do mais, um compromisso da equipa que, perante a cidade, o país e a Europa, respondeu sim, no momento crítico do bloqueio financeiro, da perturbação quanto às

---

<sup>1</sup> Historiador e professor do Instituto Politécnico de Leiria. De Agosto de 2011 a Outubro de 2013 presidiu à organização criada para conceber e gerir o Programa Artístico e Cultural de Guimarães Capital Europeia da Cultura. Tinha, anteriormente, desempenhado as funções de programador da área de pensamento do mesmo programa e de administrador executivo para a área da cultura.

prioridades de conceito e da prática, e da captura do vínculo comum pelos interesses pessoais.

“Então ficamos” - foi, em seguida, uma linha estruturante do programa, identificando a cidade e os cidadãos como a sua razão de ser, o seu motor, o seu justificativo. Cultura para fazer cidade mais capaz, cidade para fazer cultura mais pertinente.

“Então ficamos” - foi, enfim, a leitura que da cidade erguemos, a cidade que incessantemente construímos e reconstruímos, a cidade que levamos na memória e no desejo, mesmo quando temos de partir, porque é ela que nos impele, oferece partilha e constitui lugar.

### **Fazer caminho**

Ao escolher “Assim ficamos” para título da criação final do programa de 2012, pretendemos sublinhar que se tratava tanto de um momento de conclusão como também de prospectiva. “Ao andar, fizemos o caminho”, como disse o poeta António Machado. Continuando a andar, Guimarães prosseguiria o caminho. Prosseguindo o caminho, Guimarães iria mais longe.

*Ao andar faz-se o caminho,  
e ao olhar-se para trás  
vê-se a senda que jamais  
se há-de voltar a pisar.*

Nesta senda, a nova criação juntou-se ao património, seguindo as raízes até ao presente, trazendo-as ao encontro do que é diferente, específico e irredutível na contemporaneidade. No projecto de Guimarães 2012, a cultura não perdeu de vista a dimensão económica e urbana e integrou a dimensão educativa e social. Acrescentou lajes e rastos aos que tinham sido legados pelas gerações anteriores. Um dos mais importantes desses rastos reforçou a ligação de Guimarães à Europa e ao resto do mundo, consciente do lugar próprio da cultura e das cidades na curva apertada que tínhamos, e temos, pela frente.

*Caminhante, não há caminho,  
somente sulcos no mar.*

Os sulcos abertos revelaram a cultura como sistema urbano, dotado de estruturas e profissionais, que planeia e adapta, que presta serviços e produz, que capta recursos e fixa talento, que articula interesses e expectativas. Aqui, a cultura fez-se enquanto política pública e em colaboração com o nível associativo e privado/empresarial.

Esses sulcos foi a cidade que os recebeu e fomos todos nós que os abrimos. Cada um desses sulcos pontua uma malha que, ao mesmo tempo, se apertou e se estendeu. É malha de uma rede regional e nacional, europeia e internacional.

No princípio deste caminho estava a cidade. E ela aí está, de novo, perante nós: é a mesma e já é outra.

Agora, sabe melhor que andar é trânsito e transição, passada e passagem, reconhecimento e descoberta. Naquele ano memorável, transportámos memórias, acrescentadas de novas memórias e de actualizações de memórias antigas. Ampliámos a cidade com novas experiências e novos saberes. Forjámos laços de sentimento e compreensão que nos ajudam a ambicionar um futuro com mais sentido do colectivo e mais afirmação do singular.

### **“Assim ficamos”**

A ópera exibida no Multiusos de Guimarães a 21 de Dezembro de 2012 surgia como um resumo e uma metáfora do caminho andado. Nela intervieram 600 pessoas, entre técnicos e actores, estes mobilizados de todos os lugares do concelho e arredores.

Algumas histórias pessoais:

- A do Carlos, que tinha então 16 anos. Em 2011 aderiu ao projecto “Uma História do Futuro” e descobriu em si o gosto da escrita. Foi seleccionado para uma visita a Maribor e acompanhou em Guimarães os jovens eslovenos que dali partiram. Participou no projecto “Krisis” e depois no “Assim Ficamos”. Fez novas relações. Ao fim da noite

procurava boleia para a freguesia onde vivia, Gonça, uma das mais distantes da sede do concelho.

- A da Maria do Carmo, que então trabalhava numa loja no Tournal. Com o marido, desempregado, entraram no “Outra Voz” porque “faz bem estar com outros”. Começava a trabalhar às 7h da manhã e nunca sabia a que horas conseguia chegar ao ensaio da noite. A patroa tinha-lhe dado, nas vésperas do grande dia, a tolerância horária bastante para que pudesse concretizar o seu sonho de fazer um grande espectáculo.

- A do Fernando, que então era professor associado no Departamento de Electrónica Industrial da Universidade do Minho. A sua vida académica era muito preenchida e tinha quatro filhos. Fazia parte do corpo de voluntários da Capital Europeia da Cultura e integrava o coro “Outra Voz”. Abrira a sua casa ao “Mi Casa es Tu Casa” e apresentara um projecto ao “Guimarães Noc Noc”. No dia seguinte às provas de agregação, o Prof. Fernando correra a Feira Afonsina trajado de guerreiro medieval.

- A do Senhor Domingos, que, então, era já reformado. Entrara, pela primeira vez, na fábrica de cutelaria onde o pai trabalhava, aos quatro anos. Um dia, na Herdmar, vira entrar pela fábrica as crianças envolvidas nas residências artísticas da Capital Europeia da Cultura e sentira uma grande alegria pela diferença do seu tempo de menino. Quando soube que algumas das peças que construiu nestas residências estariam no espectáculo de encerramento da Capital, lançou de novo mãos à obra, retocando os corações que martelara com as crianças.

Histórias de pessoas concretas, que fazem o arco, tantas vezes invisível, que desenha a ponte, como notou Ítalo Calvino. Estas histórias, que se poderiam multiplicar por mil, por dez mil, testemunham que valeu a pena.

São histórias de cidadania, de confiança na energia que cada um pode dar e receber, transmitindo-a a um projecto de todos e de cada um. Esta é a cidadania que não tem dúvidas em responder à pergunta: que podes fazer pelo teu País, pela tua cidade, pela tua terra?

## **Legado**

A cidade esteve no princípio e no fim deste projecto. Esteve na transição que naquele dia mesmo do encerramento começa. Com um espaço público enriquecido, vivido de forma intensa. Com uma abertura renovada à pluralidade cultural e artística e ao cosmopolitismo. Com fronteiras mais porosas entre produtor e consumidor, entre público e privado, entre erudito e popular, entre antigo e jovem.

Ficámos com um território mais apetrechado com parcerias para a cultura. Um território mais consciente de que a solidariedade se revaloriza também pela colaboração em processos artísticos e culturais.

Guimarães viveu a utopia da sua capital da cultura na realidade do seu dia a dia. Fê-lo com inovação e com realismo. Com entusiasmo e com criatividade.

Foi uma cidade e foi todas as cidades, que se revêem na mesma ambição.

A criação artística e cultural reelabora o imaginário das cidades. Mas deve, como em Guimarães sucedeu, ancorar-se no real vivido, encontrando-se com as percepções, as necessidades e os sonhos dos seus habitantes.

A cultura é a casa do homem, aquela em que ele se pode sentir mais abrigado do inumano. Os humanistas acreditam nisto, desde sempre. É em nome desse humanismo cultural e crítico que a Europa se fez e tem de continuar a fazer-se. De Guimarães, cidade portuguesa, europeia e universal, afirmou-se a vontade de construir o futuro em nome do melhor que temos e somos.